A NATUREZA E OS SETE ESTEIOS ONTOLÓGICOS

Maj JOÃO BOSCO DE CASTRO

Chefe da Seção de Pessoal da Ajudância Geral

Instrutor da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais

Ouvia-se, muito bem, o silêncio sestroso da sosseguidão, na espiritosa linguagem do além!

Nada igual àquilo – sopro da natureza –, de tão espetacular e repousante!

Topografia fantástica e vegetação impressionante! Ambas, a topografia e a vegetação, heteromorfas: mamilões e matagais, planícies e pastagens de provisório, grotas e gândaras, carrascos e cambaubais – um misto, inexplicável mas sensível, de convulsão e beleza!

Um mundão esborrachado e sem-fim, estradelado por irregulares picadas-mato-adentro, ao longo de intrigueiras coivaras, em que se espichavam zelosas e sibilinas teias-de-aranha.

Imensos chapadões de chaparral saltavam, reticentes e esparsos, veredas frescas e bojudas, ao lado de penedias cascudas e restingas cardosas, de-permeio. Felizmente, predominavam, por ali, o agradável e o alvissareiro, na amplidão de boas matas – extenso e compacto lençol verde-negro, que se deixava salpicar dos mais prósperos e variados matizes, à imponência viva e natural da primavera! – na fartura saudável e refrescante de muitas aguadas, na exuberância doce e nutritiva de variados frutos silvestres, na maviosa e delicada musicalidade de tantos gorjeios e pios, e no mistério agudo e buliçoso da existência de muitos animais de todo-o-porte!

Alegria de paz, que emergia do regaço virginal da natureza!

No meio de uma das muitas florestas, dentre as fendas de um saibrozinho-de-tauá, barroso e branquicento, margeado de louras painas e protegido pela tenda sombria e secular de vastas copas, brotavam, cá e lá, preguiçosos e tímidos, filetes cristalinos, puríssimos, que se uniam, mais animados, até se irmanarem, coesos e grossos, numa associação mais volumosa e ativa de pequenos regatinhos. Tudo aquilo invadia, mais adiante, um granito espaçoso e quase horizontal, para, dali, enfunilar-se, violento e espremido, pela garganta rochosa de um lindo e elevadíssimo alcantil, despejando-se, tonitruante e esparsos, num tomo majestoso e pesado.

Era já uma cachoeira, a Cascata do Vento, que se entregava à liberdade e furtava ao sol gratificantes rebrilhos de prata ou, se noite, guardava a serenidade ao luar e o decalque bordado e feiticeiro das estrelas um xuá de chuá-chuá, murmurante e policrômico!

Lá embaixo, à jusante-montante, ao pé divisório daquele monumental paredão escarpado, o aguaceiro chacoalhava-se, espumoso e efervescente, na grande pedra que o arrima, para separar, do remanso pacato a agitação furiosa de um pequeno e nervoso circuncírculo, borbulhante, que se reproduzia, repetido e concêntrico, noutros maiores, bem maiores, cada vez maiores, uns após os outros, para irem-se desmanchar, na mesma cadência, contra a dura testa das solapas das margens daquele primeiro-enorme poço, berço fundo e feral da Bacia das Antas.

A partir dali, engolidos alguns calhaus, já em cavados e largos sulcos, amansavam-se as águas, na imensidão pacífica e verdejante da Planície do Sereno.

Que raro espetáculo!...

Ao longe, num vargado, o buritizal, elegante como titã e austero como sentinela avançada, aninhava crias de acauãs, paturis e pássaros-pretos, e vigiava o sossego e o silêncio da natureza, em cujas touças ruminavam cervos, misturados a capivaras roliças e bravios tapiretês.

Patos selvagens e irerês bulhavam o mofo do paul lodoso e refrescavam-se, durante o calor da tarde, nos banhados fofos e recobertos de podre, ao meio de brancas pindaíbas e invasores aguapés, cantando insetos e bebendo peixinhos ou qualquer outro enche-papo, entre festivos grasnidos e barulhentos e molhados sacolejos de asas emperradas.

Magotes e mais magotes de bovinos e eqüinos, quase indômitos, vasculhavam os capinzais imensos, ponta-a-ponta, na liberdade que lhes oferecia a suculência daquele ermo selvático, um sem-fim-de-alqueires, longe da coerção das estacas-de-arame-farpado, sem o pastoreio especulativo e ganancioso de leite ou carne, sem aqueles hediondos carimbos-doídos-de-ferro-ardente, fora do alcance das gulosas e morrinhentas coletórias. A ração dos animais era, ainda, aquela daquelas dali: capim substancioso e água pura, pura e fresca, tudo abundante, e, no cocho-de-pequizeiro, apenas o sal-grosso, que alisa o pêlo e enfeita a rês e desmaçaroca os bernes. Não se havia, então, inventado essa forragem química e fedorenta, fantasiosa, que incha sem engordar, dá peso sem sumo, aumenta o tamanho e diminui a vida dos rebanhos, para o crescimento impiedoso das contas bancárias dos avarentos invernistas, que se hipotecam, dia e noite, até contra si mesmo e em favor do cruel poder econômico dos de-longe: trapalhadas-de-goela-de-lobo!

Estavam ali, ainda, bois e cavalos da natureza. Bois que não se tornariam poderosas máquinas e cavalos que se não fariam apostas

viciosas e corruptas. Bois que não seriam, como não o estavam sendo, sacrificados, em volumosas séries, pela frieza gananciosa das poderosas máquinas! ... Cavalos que se apostariam, livres e possantes, em corridas espontâneas e selvagens, ao longo da beleza descampada das várzeas.

Por isto mesmo, todos eles mais robustos e menos brutos, mais ágeis e menos ariscos, mais animais e menos coisa: herdeiros naturais e legítimos das campinas e de suas maravilhas!

Benze-o, ó Deus!...

E o sertão, espetacular e paradisíaco, também obrigava o homem, de quem tolerava toda a carga racional de sua suprema irracionalidade!...

Certa manhã, naquele mesmo sossego, sob um carvalho majestoso e meditativo, o filósofo Maracoim cismava!

Cismava que cismava sobre o mundo e, súbito, eis que lhe surge a fala de um rapaz:

– Respeitável mestre e sábio Maracoim! Como sou teu amigo e admirador de tuas raras qualidades, mesmo apesar da recomendada reserva a este assunto, vejo-me forçado a narrar-te o que Zenofraste, invejoso de teus feitos e falso contemplador de tuas idéias, contou-me, agorinha, sobre tua vida partic...

– Meu jovem – interrompeu-o Maracoim! –, mal não te faço, mas, se me vens dar conta de qualquer notícia, quero alertar-te, antemão, da importância dos sete esteios fundamentais da vida humana!

O primeiro deles é a Verdade! Tudo quanto se diga a outrem deve ser verdadeiro, para que, entre nós, não vicejem a calúnia e a profanação!

O segundo dos esteios, a Fé, sustenta a moral do homem, iluminando-lhe o espírito, para que sua palavra não fomenta a dúvida, nem provoque a traição!

O terceiro esteio representa a Esperança, que nos alenta à prática de nossos melhores atos. Esta propulsão mental é a seiva benfazeja, néctar para a alma, capaz de rejuvenescer o velho e de revigorar o fraco empestado, que nos instiga à perseguição contumaz do aparentemente-impossível!

O homem sem-esperança é um desgraçado!

O quarto esteio é a Utilidade! A mensagem do homem há de ser profícua e eficaz, em benefício do progresso geral dos positivos agregados sociais, a partir da Família, da Escola, da Oficina, da Saúde e da Pátria, fundamentalmente, até a outros integrantes institucionais da Comunidade!

A palavra inútil é semente do areal, que enfastia e degenera a criação, e desgasta a audácia do imprestante semeador!

O quinto esteio ético assiste na Bondade, sacrário da cordura e da lhanza dos que se fazem fortes, sem a mão hostil da prepotência, dos que são sábios, sem os laivos da petulância, dos que praticam o bem, sem o ressaibo abjeto da subserviência pretensiosa!

O homem tem a alma trasparente, como o vidro, e a conduta, como a pérola, lisa e uniforme!

O sexto esteio fundamental da vida humana, a Perseverança, move o homem a não entregar-se às vicissitudes que lhe possam trazer desânimo à integral execução de seus empreendimentos. Só a completa invalidez ou a morte pode afrontar o indivíduo equilibrado e constante, cuja têmpera – um misto de inabalável autoconfiança e consciente força-de-vontade! – impõe-lhe o dever moral de cinzelar e burilar o menor e o último detalhe da obra que tenha arquitetado!

Irrequieto e perplexo, o fofoqueiro quis cortar o discurso ao sábio:

– Mas, meu poderoso Maracoim, só pretendo abrir-te os olhos para o que sobre ti me falou Zenofraste. Tenho pressa! ... Ouve-me, ó homem! Deixa teu sétimo esteio de sabedoria para uma outra ocasião!

– Se tens pressa – retrucou-lhe Maracoim –, vai-te! ... Contudo, esta é a ocasião! ...

O sétimo esteio – fortíssimo e importantíssimo! – consubstancia o somatório dos outros primeiros seis, cujos valores já te expus!

Trata-se da Caridade, apanágio do homem justo e integral, virtude rara, dote moral que se emparelha, ainda, à Liberdade de Espírito, à Obrigação ao Trabalho e, principalmente, à Tolerância e ao Amor!

A verdadeira Caridade não está, essencialmente, na filantropia desordenada e sentimental – que até pode, temporariamente, matar a fome ou a sede a um necessitado, ou afastar-lhe do corpo o frio ou a dor –, mas, basicamente, na fuga à maledicência, na capacidade de perdão ou na autodoação desinteressada, no conselho bom que se preste a um desorientado, no respeito às leis, aos códigos de ética, às autoridades e à dignidade humana!

O homem caridoso é o ser que mais se aproxima a si mesmo e à semelhança e à imagem de Deus!

A Caridade é filha da Igualdade e da Justiça!

Observa, ainda, meu rapaz, que Deus, em sua onisciência, deu a cada homem dois olhos e dois ouvidos, mas uma boca apenas, para que seu criado, sua obra-prima, enxergasse mais que visse, escutasse mais que ouvisse. Enxergasse muito e escutasse tudo, mas só dissesse o que transmitisse aos outros homens a Verdade, a Fé, a Espe-

rança, a Utilidade, a Bondade, a Perseverança e a Caridade, para a sustentação da Liberdade de Espírito, da Obrigação ao trabalho, da Tolerância, do Amor, da Igualdade e da Justiça. Enfim, para que o homem só falasse sobre o que pudesse fazer bem a si e aos seus semelhantes! Para que louvasse a Criação e cantasse a Natureza!

Portanto, meu amigo, se me queres trazer o que de mim te contou Zenofraste, analisa – antes e bem! – o que me vais falar. Se não for alguma essência que incorpore, em harmônica interação, o Verdadeiro e o Fiel, o Esperançoso e o Útil e o Bom, o Perseverançoso e o Caritativo, segue o teu caminho e nada me digas!

Assim, Deus nos benzeu!

Assim, Deus nos esteou!